

“A Santíssima Trindade é a melhor Comunidade” – Trindade, igreja, sociedade civil

Rudolf von Sinner¹

Resumo: O presente texto estuda a teologia trinitária de Leonardo Boff em relação ao contexto brasileiro na e após a transição democrática. Explora a história política recente e o lugar da sociedade civil e das igrejas dentro dela. Em seguida, apresenta a teologia trinitária social e cósmica de Leonardo Boff. Num terceiro passo, busca relacionar a função crítica e construtiva (“inspiradora”) de uma doutrina trinitária perichoretica com os desafios da sociedade brasileira, enfatizando quatro aspectos tidos como fundamentais para a contribuição das igrejas para a democracia, motivados pela fé: alteridade, participação, confiança e coerência. Não pretende fazer deduções ou induções simplistas, mas identificar traços de Deus enquanto trindade que sejam fundamentais para que os seres humanos não somente coexistam, mas também interajam em comunhão, buscando a convivência. Como é uma democracia amplamente participativa a que visa o engajamento pela cidadania, e como as igrejas fazem parte da sociedade civil, o pensamento trinitário em relação à sociedade como um todo pode de fato estimular e inspirar atores da sociedade civil, inclusive além das igrejas.

Abstract: This paper discusses Leonardo Boff’s Trinitarian theology over against the Brazilian context in and after the transition to democracy. It explores recent political history and the place of civil society and the churches in it. It then presents Leonardo Boff’s social and cosmic Trinitarian theology. As a next step, it relates the critical and constructive (“inspiring”) role of a perichoretic doctrine of the Trinity with the challenges of Brazilian society. In this context, it stresses four aspects that are seen as central for the churches’ contribution to democracy and are motivated by faith: otherness, participation, trust and consistency. It does not intend to make simplistic deductions or inductions, but to identify traits of the triune God that are basic to enable human beings to not only coexist, but also interact in fellowship, searching for life together. As the involvement for full citizenship aims at a broadly participatory democracy and as the churches

¹ Rudolf von Sinner é natural de Basiléia, Suíça; doutor em Teologia pela universidade da mesma cidade. É professor de Teologia Sistemática, Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso na Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, e pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), na qual integra o Grupo Assessor de Ecumenismo.

are part of civil society, Trinitarian thinking I relation to society as whole can in fact stimulate and inspire actors of civil society, even beyond the churches.

Resumen: El presente texto estudia la teología trinitaria de Leonardo Boff en relación al contexto brasileño, en y después de la transición democrática. Explora la historia política reciente y el lugar de la sociedad civil y de las iglesias dentro de ella. Seguidamente, presenta la teología trinitaria, social y cósmica de Leonardo Boff. En un tercer paso busca relacionar la función crítica y constructiva (“inspiradora”) de una doctrina trinitaria perijorética con los desafíos de la sociedad brasileña, enfatizando cuatro aspectos considerados fundamentales para la contribución de las iglesias para la democracia, motivados por la fe: alteridad, participación, confianza y coherencia. No pretende hacer deducciones o inducciones simplistas, más sí identificar trazos de Dios en cuanto a la trinidad que sean fundamentales para que los seres humanos no solamente coexistan, mas también interactúen en comunión, buscando la convivencia. Como es una democracia ampliamente participativa la que persigue la inclusión por la ciudadanía y como las iglesias hacen parte de la sociedad civil, el pensamiento trinitario en relación a la sociedad como un todo, puede de hecho, estimular e inspirar actores de la sociedad civil, inclusive allende de las iglesias.

Palavras-chave: Trindade, Leonardo Boff, transição democrática, cidadania, sociedade civil.

Keywords: Trinity, Leonardo Boff, transition to democracy, citizenship, civil society

Palabras-claves: Trinidad, Leonardo Boff, transición democrática, ciudadanía, sociedad civil

Ao dialogar com a teologia de Leonardo Boff, importa ressaltar que faço isso de um ponto de vista duplamente estranho: tanto como teólogo protestante, de origem reformada e hoje luterano, quanto como sendo oriundo da Suíça, portanto tendo se criado num contexto diferente. Foi durante meus estudos de um ano na Escócia, em Edimburgo, no ano letivo de 1989-90, que tive que fazer um ensaio sobre a teologia trinitária de Leonardo Boff e Jürgen Moltmann na disciplina de Teologia Sistemática – Dogmática. O tema nunca mais me largou, tornando-se objeto de minha dissertação de licenciatura e, depois, entrando como parte de minha tese de doutorado.²

² SINNER, Rudolf von. **Der dreieinige Gott als Gemeinschaft:** Überlegungen zum Entwurf einer sozialen Trinitätslehre durch Leonardo Boff. Dissertação (Licenciatura em Teologia). Basel: Theologische Fakultät der Universität Basel, 1994, mimeo. 81p.; **Reden vom dreieinigen Gott in Brasilien und Indien:** Grundzüge einer ökumenischen Hermeneutik im Dialog mit Leonardo Boff und Raimon Panikkar. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003. 403p. (Hermeneutische Untersuchungen zur Theologie, v. 43).

Para construir uma ponte hermenêutica entre Suíça e Brasil, protestantismo e catolicismo, permito-me começar com uma história que me ocorreu em 1996. Novato no Brasil, viajei atrás de elementos da teologia trinitária de Leonardo Boff, e cheguei, nesta trajetória, ao Santuário do Divino Pai Eterno em Trindade, Goiás. Os padres lá, muito gentilmente, me abrigaram em sua casa. Durante a missa, tomei um banho tanto da Teologia da Libertação com abertura ecumênica, quanto da religiosidade popular. Em relação à primeira, o padre convidou-me para ler o evangelho, honra muito especial para um pastor evangélico, cuja ordenação não é reconhecida oficialmente pela Igreja Católica Romana. Mas muitos padres ligados à Teologia da Libertação estenderam tal hospitalidade pastoral – mais na época do que hoje, infelizmente. Já que não entendi no momento os sinais que ele me fazia, acabei não fazendo a leitura. No final da missa, ele me chamou explicitamente para dar uma palavra, o que fiz de bom grado. Para encerrar, após minha fala, o padre incentivou os/as presentes a responderem “Viva” aos “Vivas” dele: “Viva Jesus Cristo” – “Viva!” – “Viva Nossa Senhora!” – “Viva!” – “Viva Nosso Divino Pai Eterno!” – “Viva!” – “Viva pastor Rudolf!” – “Viva!”...

Confesso que queria desaparecer de imediato, e certamente meu rosto tão branco ficou da cor de um camarão. Mergulhei na religiosidade popular, misturada com a Teologia da Libertação, que reservava “Vivas” não apenas para os santos, mas também para os pecadores. Outro aspecto da religiosidade popular foi-me apresentado posteriormente pelo padre tão hospitaleiro. Segundo ele, os fiéis falaram assim: “Sabe, acima do Divino Pai Eterno, só Deus mesmo!” Até Deus Pai virou santo. Pensando bem, contudo, não é de todo desconhecida essa figura: o luterano Paul Tillich falava de “Deus acima de Deus”, e o reformado John Hick fala do “Real” atrás de todas as divindades, inclusive o Deus cristão.³

Seja como for, esse duplo mergulho em Trindade, Goiás, me remeteu ao 6º Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em julho de 1986, onde se mostrou em *banner* o slogan cunhado, pelo que me consta,

³ TILLICH, Paul. **A coragem de Ser** [1952]. Trad. Eglê Malheiros. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p. 143ss; HICK, John. **An Interpretation of Religion: Human Responses to the Transcendent** [1989]. 2. ed. New Haven: Yale University Press, 2004.

pelo próprio Leonardo: “A Santíssima Trindade é a melhor comunidade!” Parto desse slogan para abordar o tema da trindade como pericórese, metáfora central do cristianismo, em sua analogia comunitária⁴. Baseio-me, principalmente, nos livros “A Trindade, a sociedade e a libertação (1986), de Leonardo Boff, bem como sua versão mais popular que retoma o slogan do 6º Intereclesial das CEBs.⁵ Não há como desconsiderar que o primeiro surgiu de uma necessidade de tratar de todos os *loci* clássicos da teologia, portanto também da Trindade, para fins de produzir um livro-texto para as aulas no seminário franciscano de Petrópolis. Mas também é, por assim dizer, o resultado falante de um ano de silêncio obsequioso imposto ao Leonardo pela Congregação pela Doutrina da Fé do Vaticano em função de suas observações críticas sobre a igreja feitas em sua famosa obra “Igreja, carisma e poder” (1981)⁶. Em seu livro sobre a Trindade, Boff usou a tarefa própria do professor de Teologia Sistemática para uma crítica formulada de forma bastante sutil, mas de fato dura, frente a uma igreja e sociedade que percebeu como opressivas e não democráticas. Enquanto ele estava escrevendo esse livro, o Brasil atravessava a fase final de sua longa transição do autoritarismo para a democracia, da “descompressão segura, lenta e gradual” iniciada pelo presidente General Ernesto Geisel, em 1974, e encerrada com a primeira eleição direta de um presidente após o final do regime militar, em 1989, passando pelo marco importante da volta a um governo civil em 1985.

Sustentarei ao longo deste texto que temos que tomar cuidado com simples analogias entre o Deus triúno, a igreja e o mundo. Em relação ao escrito de Boff da época, também temos que reconhecer que tanto seu próprio contexto de vida quanto o contexto brasileiro mudaram consideravelmente nesse meio tempo. Além disso, faço aqui uma abordagem diferente do colega Euler Westphal, cuja análise é mais de cunho dogmático. Esse tipo de abordagem, relevante e pertinente, também cheguei a fazer em mi-

⁴ Sobre o caráter metafórico da teologia cf. MCFAGUE, Sally. **Modelos de Deus: teologia para uma era ecológica e nuclear** [1987]. São Paulo: Paulus, 1996; BERNHARDT, Reinhold; LINK-WIECZOREK, Ulrike (Eds.). **Metapher und Wirklichkeit: Die Logik der Bildhaftigkeit im Reden von Gott, Mensch und Natur.** Festschrift für Dietrich Ritschl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1999. Sobre o círculo hermenêutico entre contextualidade e catolicidade, pano de fundo da minha abordagem, veja SINNER, 2003, p. 34-53, 117-142 (sobre pericórese); **Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas.** São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 87-91.

⁵ BOFF, Leonardo. **A Trindade, a sociedade e a libertação.** Petrópolis: Vozes, 1986.

⁶ BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder.** Ed. revista. Rio de Janeiro: Record, 2005.

nha própria tese de doutorado, e ele condiz com que o próprio Leonardo diz hoje sobre seu livro, conforme um e-mail que me enviou há dois anos:

Quanto à Trindade, creio que a minha melhor contribuição não foi tanto o haver ressaltado a dimensão social, mas em colocar a pericórese [sic] como alternativa ao caminho do Ocidente (uma natureza divina) e do Oriente (a natureza do Pai que é comunicada ao Filho e ao Espírito). A pericórese coloca Deus, de saída como comunhão una e diversa⁷.

Sou muito grato ao Leonardo pelas inspirações recebidas de sua teologia trinitária, e ao Euler pela sua instigante contribuição e pela discussão teológica que mantemos há 12 anos em torno da teologia trinitária de Leonardo Boff. Sem de modo algum desmerecer essa abordagem, vou aqui mais pelo viés da ética, ainda que considero, junto com o Euler e o próprio Leonardo, ética e dogmática indissociáveis.⁸ Melhor dizendo: Se a Trindade “inspira” e “critica” um determinado modelo de sociedade, vamos ver qual sociedade é essa que é criticada e seria aquela inspirada pela Trindade.

Por isso farei uma breve introdução à recente história política do Brasil, bem como ao papel da sociedade civil e das igrejas no país. Em seguida, explicarei a elaboração da doutrina da Trindade proposta por Boff, seguindo-se uma avaliação de como a “doutrina social da Trindade” pode “inspirar” – uma palavra muitas vezes usada por Boff neste sentido – a interação comunitária.⁹

⁷ E-mail de lboff@leonardoboff.com, recebido em 28 fev. 2006. Este e-mail foi uma resposta a um artigo meu, escrito a convite do próprio Leonardo, e que de certa forma serviu como ponto inicial da idéia da presente Festschrift: SINNER, Rudolf von. Leonardo Boff – um teólogo protestante. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 46, n. 1, p. 152-173, 2006a, publicado também em alemão e inglês.

⁸ WESTPHAL, Euler R. **O Deus cristão**: um estudo sobre a teologia trinitária em Leonardo Boff [1997]. São Leopoldo: Sinodal, 2003; Reflexões hermenêuticas: experiência e eficácia no pensamento de Leonardo Boff. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 47, n. 1, p. 43-64, 2007, e seu texto neste caderno; SINNER, 2003, p. 99-195; 2007. p. 92-101.

⁹ Tomo como base aqui uma abordagem anterior sobre “Deus, igreja e sociedade”, publicada em SINNER, 2007, p. 27-42, escrito a convite dos colegas William Storrar, Paul M. Metzger e Peter Casarella, tendo sido apresentado na conferência “A World for All? The Ethics of Global Civil Society”, realizada de 4 a 7 de setembro de 2005 na Universidade de Edimburgo, Escócia, a ser publicado em coletânea nos EUA ainda neste ano.

1 – A política no Brasil e o papel da sociedade civil

Após várias experiências de sistema político – monarquia constitucional, república, ditadura, regime militar –, ao longo dos 186 anos da independência do Brasil, o país pode ser considerado uma democracia razoavelmente consolidada.¹⁰ Isso, porém, não veio sem uma longa luta da sociedade civil pelos direitos humanos, pela democracia, pela justiça social, luta na qual as igrejas, especialmente a Igreja Católica, tiveram um papel fundamental.¹¹

Antes do golpe de 1964, a sociedade civil geralmente se restringia a um número limitado de organizações com caráter elitista. No entanto, as décadas de 1950 e 1960 constituíram um tempo de efervescência social e cultural. Foi nessa época que o grande educador Paulo Freire (1921-97) iniciou seu trabalho de alfabetização e conscientização. Ele interagiu, digase de passagem, intensamente com as igrejas e trabalhou durante dez anos (1970-80) com o Conselho Mundial de Igrejas (CMI).¹² A conscientização tornou-se conceito-chave naquele período, enquanto a “Pedagogia do Oprimido” lançou mão de incentivar e apoiar os oprimidos para se tornarem sujeitos de sua libertação.¹³ Outro conceito-chave foi a *educação popular*, implicando, entre outros, que os intelectuais buscaram tornar-se “orgânicos” (Gramsci), trabalhando entre e com o povo e superando o que Freire denominava de “educação bancária”.¹⁴

¹⁰ Cf. KINGSTONE, Peter R.; POWER, Timothy P. (Eds.). **Democratic Brazil**. Actors, Institutions, and Processes. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2000; HAGOPIAN, Frances; MAINWARING, Scott P. (Orgs.). **The Third Wave of Democratization in Latin America: Advances and Setbacks**. New York: Cambridge University Press, 2005; CODATO, Adriano Nervo (Ed.). **Political Transition and Democratic Consolidation: Studies on Contemporary Brazil**. New York: Nova Science, 2006.

¹¹ Sobre isso cf. SINNER, Rudolf von. The Contribution of the Churches to Citizenship in Brazil. **Journal of International Affairs**, New York, ano 61, n. 1, p. 171-184, 2007; Der Beitrag der Kirchen zum demokratischen Übergang in Brasilien. In: LIENEMANN-PERRIN, Christine; LIENEMANN, Wolfgang (Orgs.). **Kirche und Öffentlichkeit in Transformationsgesellschaften**. Stuttgart: Kohlhammer, 2006b. p. 273-307.

¹² Cf. ANDREOLA, Balduino A.; RIBEIRO, Mario Bueno. **Andarilho da Esperança: Paulo Freire no CMI**. São Paulo: ASTE, 2005.

¹³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** [1970]. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003; **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

¹⁴ Cf. PREISWERK, Matthias. **Educação popular e teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1998; TORRES, Fernando et alii. **Teologia da Libertação e Educação Popular a caminho**. São Leopoldo: CECA, CEPI, 2006.

Dentro da Igreja Católica Romana, a década de 1950 foi um período de promoção da consciência e atividade social, formando uma nova geração de lideranças progressistas. A Ação Católica adotou o modelo franco-belga de criar organizações específicas para diferentes setores da sociedade, especialmente organizações juvenis para os estudantes secundários, operários e universitários, entre outros.¹⁵ Porém, em 1968, a Ação Católica foi desmantelada pela hierarquia. Ainda assim, sua herança permaneceu influente, visto que muitos teólogos da libertação e outros militantes da igreja surgiram das citadas organizações e adotaram seu método de “ver – julgar – agir”, começando por uma análise social do contexto antes de proceder a uma leitura dele à luz da fé e passar à ação subsequente¹⁶. As comunidades eclesiais de base (CEBs), pequenos grupos de membros da igreja que se reuniam regularmente sob liderança leiga, foram criadas na década de 1950, originalmente para fazer frente à notória falta de sacerdotes e alcançar melhor os membros em termos religiosos e sociais. Gradualmente, elas se tornaram grupos politicamente conscientes, lendo a Bíblia¹⁷ com os olhos abertos para o contexto e pressionando para conseguir água encanada, esgoto, educação, serviços de saúde, etc., principalmente na periferia de grandes centros urbanos, bem como em áreas rurais. Para Boff, principalmente, numa leitura teológica e eclesiológica, essas CEBs se tornariam o “jeito de toda igreja ser”, num processo de “eclesiogênese”.¹⁸

Durante o período mais duro da repressão (1968-1973), chamado por Boff de cativo¹⁹, o estabelecimento de uma sociedade civil ativa e

¹⁵ Cf. SOUZA, Luiz Alberto Gomes de. As várias faces da Igreja Católica. **Estudos Avançados**, São Paulo, ano 18, n. 52, p. 77-95, 2004; ID. **A JUC: os estudantes católicos e a política**. Petrópolis: Vozes, 1984; LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Trad. de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 230-255.

¹⁶ Cf. BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2001; BOFF, Clodovis. **Teologia e prática: Teologia do político e suas mediações** [1978]. 3. ed. com prefácio autocrítico. Petrópolis: Vozes, 1993.

¹⁷ Cf., por exemplo, MESTERS, Carlos. **Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo**. Petrópolis: Vozes, 1983; ID. **Balanço de 20 anos: a Bíblia lida pelo povo na atual renovação da Igreja Católica no Brasil 1964-1984**. Belo Horizonte: CEBI, 1988; DREHER, Carlos A. et alii (Orgs.). **Profecia e Esperança**. Um tributo a Milton Schwantes. São Leopoldo: Oikos, 2006.

¹⁸ Cf. TEIXEIRA, Faustino. **A Gênese das CEBs no Brasil**. Elementos explicativos. São Paulo: Paulinas, 1988; ID. et alii. **CEBs, cidadania e modernidade: Uma análise crítica**. São Paulo: Paulinas, 1993; BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: a reinvenção da igreja** [1977]. Rio de Janeiro: Record, 2008; cf. NORDSTOKKE, Kjell. **Council and Context in Leonardo Boff's Ecclesiology: The Rebirth of the Church among the Poor** [1991]. Trad. Brian MacNeil. Lewiston: Edwin Mellen Press, 1996.

¹⁹ BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da libertação** [1980]. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

organizada era virtualmente impossível. As tentativas – muito limitadas – de atividade guerrilheira para derrubar o governo tinham sido esmagadas; líderes importantes haviam sido torturados e mortos ou exilados; os partidos políticos estavam reduzidos a dois, com pouco poder; os sindicatos eram rigidamente controlados; e os meios de comunicação estavam sob censura. Na década de 1970, “a única instituição capaz de se afirmar contra o governo militar era a Igreja [Católica Romana]”²⁰.

Foi nesse período que Leonardo Boff voltou da Europa com seu diploma de doutorado *laboris causa* na mala. Começou a reinserir-se em sua terra natal, sofrendo uma experiência de conversão, como descreve em seu balanço aos 50:

Regressei ao Brasil com estas matrizes [européias] teológicas, em fevereiro de 1970. Em agosto, fui pregar um retiro a padres e a religiosos missionários na floresta amazônica, em Manaus. Foi a minha crise decisiva. Apresentava-lhes minha teologia que, se por um lado havia superado certa alienação, por outro não havia ainda definido seu compromisso. Percebi logo que não chegava aos meus ouvintes. Eles relatavam a miséria das populações ribeirinhas, o abandono da floresta, os perigos, as demandas de novas respostas para problemas absolutamente novos. Senti imediatamente a gravidade do desafio para o pensamento teológico. No terceiro dia de retiro minha crise se havia densificado de tal forma que não conseguia mais fisicamente falar. Foi, então, que partimos para os grupos. Tentava, como podia, amarrar as conclusões com reflexões semi-teológicas e semi-espirituais. Mas se havia produzido o choque existencial necessário para poder pensar adiante. A reflexão posterior continua sendo um esforço de domesticação daquela experiência [sic] primeira: como sermos cristãos na miséria, na solidão amazônica, na injustiça das relações sociais? Devemos atuar de forma revolucionária e libertadora para darmos as razões de nossa fé e fazermos jus aos títulos de sua pretensão que é representar o desígnio de Deus na história.²¹

²⁰ SKIDMORE, Thomas. Brazil's Slow Road to Democratization: 1974-1985. In: STEPAN, Alfred (Ed.). **Democratizing Brazil**: Problems of Transition and Consolidation. New York; Oxford: Oxford University, 1989. p. 5-42, à p. 35. [Versão em português: **Democratizando o Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.]

²¹ BOFF, Leonardo. Um balanço de corpo e alma. In: ID. et alii. **O que ficou**: balanço aos 50. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 20, grifo no original.

A partir dessa experiência, também Boff procurou ser um intelectual orgânico, passando períodos prolongados em contextos de grande carência, buscando exercer uma *teologia à escuta do povo*.²²

A partir de 1974, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) também ganhou força. À semelhança da igreja, ela podia contar com uma estrutura bem organizada em nível nacional e, assim, com uma eficiente rede de comunicação própria, não tendo que depender dos meios de comunicação de massa altamente censurados. A Associação Brasileira de Imprensa (ABI) tornou-se outro órgão de oposição. Artistas e intelectuais desenvolveram formas de crítica indireta por meio de charges, poesia e música, para as quais os burocratas militares careciam de qualquer percepção.²³ Ao relaxar a censura, o presidente Geisel “estava ajudando a sociedade civil a despertar novamente, mas não estava preparado para ouvir o que a voz da sociedade tinha para dizer”²⁴.

Na base, apareceram novos grupos como as CEBs, associações de bairro e movimentos anti-racistas, muitas vezes tendo mulheres como líderes. A influência católica fora forte em muitos desses grupos, mas teve mais colabo-

²² BOFF, Leonardo. **Teologia à escuta do povo**. Petrópolis: Vozes, 1984. Por sinal, este livro apareceu como terceiro volume numa série chamada de “Teologia orgânica”.

²³ Cabe mencionar aqui um caso registrado pelo doutorando Antonio Carlos Teles da Silva, a quem agradeço muito pela indicação: “Francisco Julião, articulador e líder das Ligas Camponesas, apesar de ser ateu e materialista confesso, tinha grande sensibilidade humana e um profundo respeito para com o sentimento religioso, principalmente pela religiosidade popular, e viu aí um bom caminho para conseguir cativar a adesão e comprometimento com a causa camponesa. Um dia, solicitou ao médico, Dr. Inaldo Lima, membro da Igreja Presbiteriana e também do partido comunista, que conseguisse de seu pastor alguns versículos bíblicos que falassem de injustiça social e luta pela terra. Prontamente o Dr. Inaldo procurou o seu pastor, Rev. João Dias de Araújo, pastor da Igreja da Encruzilhada, na periferia do Recife, solicitando-lhe os textos. O Rev. João Dias, também comprometido com as causas sociais, e que igualmente passava por forte repressão dentro de sua denominação devido à sua simpatia para com os movimentos populares e posturas ecumênicas, prontamente selecionou os textos bíblicos, principalmente dos profetas Isaías e Jeremias: *Ai dos que juntam casa a casa, dos que acrescentam campo a campo até que não haja mais espaço disponível, até serem eles os únicos moradores da terra. (Is. 5:8)*, dentre outros. Francisco Julião passou então a utilizar os textos bíblicos em seus discursos aos camponeses, anunciando os textos no estilo *Assim como diz Isaías... Jeremias no diz que...* Como agentes da repressão estavam quase sempre infiltrados em meio às reuniões de camponeses, logo instaurou-se inquérito policial e investigações para colher informações sobre quem seriam esses subversivos, Isaías e Jeremias (provavelmente codinomes) ainda desconhecidos dos aparelhos de informação do regime.” Texto recebido de ancatesi@yahoo.com.br em 15 de maio de 2008.

²⁴ SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Castelo a Tancredo, 1964-1985**. Trad. Mário Salviano Silva. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 369.

ração de evangélicos, nomeadamente pentecostais, do que em geral se assume²⁵. O impacto concreto desses grupos é difícil de medir devido à fragilidade, heterogeneidade e representatividade limitada dos movimentos sociais, mas não há dúvida de que deram uma contribuição significativa na medida em que o governo foi obrigado a se preocupar com eles. Greves (a partir de 1978) e atos públicos (especialmente a campanha das Diretas Já em 1984, reivindicando eleições presidenciais diretas) mostravam uma influência crescente da sociedade civil sobre a política. As associações tornaram-se lugares importantes para a aprendizagem da democracia, pois tentavam pressionar o governo a cumprir sua promessa de retornar à democracia. Podemos concluir que a sociedade civil se tornou um ator muito mais amplo e mais diversificado na sociedade através de movimentos de base e organizações não-governamentais (ONGs), cuja criação aconteceu na fase de transição²⁶.

Há uma série de graves problemas com que o Brasil se depara depois da transição. Por um lado, não há dúvida de que ocorreram avanços democráticos significativos. A cidadania, a atribuição de direitos e deveres, tornou-se um conceito-chave e é reconhecida como algo que deve ser efetivamente disponibilizado a todos os setores da sociedade²⁷. Por outro lado, tampouco há qualquer dúvida de que esses avanços não alcançaram todos os setores da população. Além da assustadora pobreza reinante entre grandes parcelas da população, devido a fatores econômicos, também existem problemas de cultura política²⁸. Há, por exemplo, graves deficiências no Estado de Direito, que tem sido incapaz de conter, com eficácia, a violência e o crime, ajudando uma “conversa do crime” a espalhar-se e fazer produzir

²⁵ Cf. IRELAND, Rowan. **Kingdoms Come**: Religion and Politics in Brazil. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1991; BURDICK, John. **Procurando Deus no Brasil**: a igreja progressista católica no Brasil na arena das religiões brasileiras urbanas [1993]. Trad. Renato Luiz Dodsworth Machado. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

²⁶ Sobre a sociedade civil brasileira e seu desenvolvimento, veja FERNANDES, Rubem César. **Privado porém público**: o terceiro setor na América Latina. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994; COSTA, Sérgio. **As cores de Ercília**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002; ID. **Dois atlânticos. Teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006; GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil**: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005.

²⁷ Cf. CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001; PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Eds.). **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003; PINSKY, Jaime. **Práticas da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2004.

²⁸ Cf. KRISCHKE, Paulo J. **Aprendendo a democracia na América Latina: atores sociais e mudança cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

“cidades de muros”, cheias de fortalezas de quem tiver condições de construí-las.²⁹ Outros problemas são a corrupção e o clientelismo amplamente difundidos, dos quais até o governo eticamente pretensioso do Partido dos Trabalhadores (PT), bem como a eticamente não menos pretensiosa “bandada evangélica” se tornaram vítimas³⁰. Parcialmente devido a essas práticas não-democráticas, há uma falta generalizada de confiança interpessoal e institucional³¹. Segundo as pesquisas regulares do Instituto Latinobarómetro, do Chile, “a maioria dos públicos latino-americanos são [...] céticos – se não ativamente cínicos – quanto a instituições-chave da democracia, e os latino-americanos manifestam alguns dos mais baixos níveis de confiança interpessoal observados em todo o mundo”.³² Entre as instituições, a polícia, os tribunais, o governo e o parlamento ocupam um lugar muito baixo, enquanto as igrejas são consideradas as instituições mais confiáveis, o que representa um capital de confiança que elas com certeza poderiam usar construtivamente para promover uma sociedade verdadeiramente democrática³³. Interessante também como Roberto DaMatta descreve o conflito entre uma lei que se pretende democrática e, portanto, pressupõe a igualdade dos indivíduos.

²⁹ Cf. as importantes contribuições da antropologia na descrição dessas falhas, como CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**. São Paulo: Editora 34, 2000; HOLSTON, James. **Insurgent Citizenship**. Disjunctions of Democracy and Modernity in Brazil. Princeton: Princeton University Press, 2008.

³⁰ O escândalo do chamado *mensalão* é amplamente conhecido. Em relação aos políticos evangélicos, vale relatar que nas eleições de 2006, apenas 15 membros da Frente Evangélica Parlamentar, que já consistia de 60, foram reeleitos, e apenas cinco das Assembléias de Deus, que mantinham o maior grupo. O jornal das Assembléias admitiu que os membros já tinham feito sua decisão (de cobrança) mediante o voto, ainda que o envolvimento dos não-reeleitos no escândalo das ambulâncias (*Operação Sanguessuga*) ainda não tinha sido comprovado; **Mensageiro da Paz**, ano 76, n. 1.458, p. 3, nov. 2006.

³¹ Cf. SINNER, 2007, p. 9-25.

³² LAGOS, Marta. How People View Democracy: Between Stability and Crisis in Latin America. **Journal of Democracy**, v. 12, n. 1, p. 137, 2001; em 2002, apenas 4% dos brasileiros responderam que poderiam, sim, “confiar na maioria das pessoas”; cinco anos depois, teve um leve aumento para 6%, ambas as vezes contra uma média latino-americana de 17%, conforme as pesquisas da organização de pesquisa chilena Latinobarómetro, www.latinobarometro.org, relatórios de 2003 e 2007. Acesso em: 31 jan. 2008.

³³ Conforme uma pesquisa do IBOPE de 2005, a Igreja Católica tem a confiança de 71% da população, em segundo lugar após os médicos (81%) e na frente das Forças Armadas (69%). As igrejas evangélicas merecem 53% da confiança. Enquanto isso, 76% não confiam no Senado, 81% não na Câmara, os partidos detêm 88% da desconfiança e os políticos 90%. Confiança nas instituições, disponível em <http://www.ibope.com.br/opp/pesquisa/opiniaopublica/download/opp098_confianca_portalibope_ago05.pdf> Acesso em: 4 abr. 2007.

Essa leitura de DaMatta, embora criticada como culturalista e como sendo uma teoria da “inautenticidade”, teve sustento empírico, recentemente, pelo amplo estudo de Alberto Carlos Almeida sobre a *Cabeça do Brasileiro*.³⁴ Não se trata aqui de decidir entre pessoa e indivíduo, ou dizer que o Brasil deveria ser como os Estados Unidos ou a Europa ocidental, numa modernidade ainda a ser alcançada teleologicamente³⁵, mas de reconhecer a justaposição e certa contradição entre um jeito individualista-igualitário e um jeito personalista-hierárquico do funcionamento da sociedade. Esta ambigüidade não é singularidade do Brasil, mas se encontra aqui de forma acentuada, emblematicamente visível no famoso “jeitinho”, que se mostra ora como único caminho para conseguir o que se precisa, ora como empecilho para a instalação de procedimentos organizados em base da igualdade³⁶. Isso vem corroborado pelo fato que a confiança interpessoal se estende às pessoas ao redor (familiares, irmãos de igreja, colegas de trabalho e outras redes sociais), mas não à sociedade em geral, o que enfraquece a democracia³⁷. Na medida em que a doutrina da Trindade poderia fomentar um pensamento relacional, mais ao mesmo tempo igualitário e com respeito à alteridade, poderia fazer uma importante diferença para uma visão cristã da sociedade. Tentarei, portanto, verificar como o pensamento trinitário poderia ser uma resposta cristã aos problemas mencionados e promover a democracia. Primeiro, todavia, é preciso examinar a elaboração da doutrina da Trindade feita por Leonardo Boff.

³⁴ ALMEIDA, Alberto Carlos. **A cabeça do Brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. Para a crítica mais acentuada de DaMatta (em quem Almeida se baseia explicitamente, inclusive rejeitando a crítica, *ibid.*, p. 275s), veja SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva: uma reinterpretção do dilema brasileiro**. Brasília: Editora UnB, 2000. p. 159-204, esp. 183ss; também ID. (Org.) **O malandro e o protestante: a tese Weberiana e a singularidade brasileira**. Brasília: Editora UnB, 1999.

³⁵ Veja as pertinentes críticas nesta linha de autores europeus por parte de COSTA, 2006.

³⁶ É evidente que a própria lei, supostamente igualitária, é longe de estar livre de desigualdades, como, por exemplo, o privilégio de uma cela individual garantido a presos com curso superior; sobre essa problemática em sua contrariedade à cidadania veja HOLSTON, 2008.

³⁷ Cf. OFFE, Claus. How can we trust our fellow citizens? In: WARREN, Mark (Ed.). **Democracy and Trust**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 42-87; SZTOMPKA, Piotr. **Trust: A Sociological Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

2 – Uma doutrina social e cósmica da Trindade

“A Trindade é nosso verdadeiro programa social” constitui a linha principal da argumentação na teologia da Trindade elaborada por Leonardo Boff. Ele é herdeiro, entre outros, do pensador russo Nikolai Feodorov (1828-1903), já citado por Jürgen Moltmann em seu enfoque similar da teologia trinitária em relação à sociedade³⁸. A posição de Boff torna-se clara ao explorar ao que ela se opõe e o que ele procura construir com a doutrina trinitária.

Boff se opõe claramente a uma imagem de Deus que denota um monarca celestial que se refletiria diretamente em um monarca mundano: Um só Deus, Um só Império, Um só Rei. Essa oposição provém das experiências negativas que ele teve com estruturas hierárquicas na sociedade e na igreja, estruturas que suprimem, em seu ríspido autoritarismo, a liberdade e criatividade. Boff retoma a forte crítica que o teólogo alemão Erik Peterson tinha expressado contra este tipo de teologia política³⁹. Embora fosse uma tese histórica, ela pretendia ser uma crítica contemporânea ao nascente *Reich* nazista e ao apoio ideológico que recebeu de pensadores como Carl Schmitt, que afirmava que “todos os termos incisivos da doutrina do Estado moderno são conceitos teológicos secularizados”⁴⁰. Peterson concluiu que a implementação plena da teologia trinitária pelos padres capadócijs, no século 4, rompeu radicalmente com qualquer “teologia política” que abusasse da proclamação cristã para legitimar um regime ou sistema político. Não há, segundo Peterson, quaisquer *vestigia trinitatis* na sociedade humana. É importante acrescentar que aquilo para o qual tanto Peterson quanto seus seguidores apontam é, de fato, menos uma crítica do “monoteísmo” do que de uma imagem “monárquica” de Deus, na medida em que uma crítica teológica semelhante pode ser facilmente identificada no monoteísmo israelita

³⁸ FEODOROV, Nikolai F. The Restoration of Kinship Among Mankind. In: SCHMEMANN, Alexander (Ed.). **Ultimate Questions: An Anthology of Modern Russian Religious Thought**. London and Oxford, 1977. p. 175-223; MOLTSMANN, Jürgen. **Trindade e Reino de Deus** [1980]. Trad. Ivo Martinazzo. Petrópolis: Vozes, 2000.

³⁹ PETERSON, Erik. Der Monotheismus als politisches Problem: Ein Beitrag zur Geschichte der politischen Theologie im Imperium Romanum [1935]. In: ID. **Theologische Traktate: Ausgewählte Schriften**, Würzburg, 1994. v. 1, p. 23-81.

⁴⁰ SCHMITT, Carl. **Politische Theologie** [1922]. 6. ed. Berlin, 1993. p. 43. [Edição em português: SCHMITT, Carl. **Teologia política**. Coordenação e supervisão de Luiz Moreira; tradução de Elisete Antoniuk. Belo Horizonte: Del Rey, 2006].

– lembremos apenas das constantes críticas dos profetas contra seus reis.⁴¹ O que eles querem enfatizar é que Deus é um ser-em-relação comunitário e não um soberano hierárquico-monárquico.

Mais especificamente, Boff identifica três formas de interpretações monárquicas equivocadas da Trindade na América Latina. Na sociedade colonial e rural (feudal), ele identifica uma “religião só do Pai”, centralizada no patrão que detém poder absoluto. Em um contexto mais democrático, o líder carismático e militante passa para o primeiro plano, onde Jesus seria visto como “nosso irmão” ou “nosso chefe e mestre”, constituindo a “religião só do Filho”. Por fim, onde prevalecem a subjetividade e criatividade, como em grupos carismáticos, enfatiza-se a interioridade, e ela pode, em seu extremo, levar ao fanatismo e anarquismo. Essa última forma seria a “religião só do Espírito”⁴². Como é comum em suas abordagens, Boff consegue integrar o contraditório e sublinha que todos os três aspectos são importantes, sendo vistos como referências para “cima” (origem), para os “lados” (nossos semelhantes) e para a “interioridade” (nossa própria pessoa). Portanto, a doutrina da Trindade poderia servir como um modelo de coerência, que explorarei mais abaixo. No entanto, embora Boff transforme exemplos negativos concretos (patrão, líder, sujeito individualizado) em aspectos positivos abstratos (orientação para cima, para os lados e para dentro), ele não diz como esses últimos poderiam ser verificados, concretamente, na sociedade.

De forma semelhante, Boff critica o modelo hierárquico da Igreja Católica Romana como sendo contrário à Trindade de Deus. A lógica de: Um só Deus, Um só Cristo, Um só Bispo, Uma só Igreja Local estaria, pois, errada. A igreja, como o sacramento da Santíssima Trindade, deve ser vista como *communio* e não como *potestas* sacra. “Como uma rede de comunidades que vive a comunhão com os irmãos/irmãs e a participação em todos os bens, a Igreja se constrói a partir da Trindade e se faz seu sacramento

⁴¹ Cf. CRÜSEMANN, Frank. **Der Widerstand gegen das Königtum**. Neukirchen-Vlyun: Neukirchener, 1978; SCHMIDT, Werner H. **A fé do Antigo Testamento** [8. ed. rev. e ampl. 1996]. Trad. Vilmar Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 273ss; para uma comparação do distintivo da realeza (e a crítica a ela) israelita em relação ao Egito veja ASSMANN, Jan. **Herrschaft und Heil: Politische Theologie in Ägypten, Israel und Europa**. München: Wien: Hanser, 2000.

⁴² BOFF, 1986, p. 26-29.

histórico.”⁴³ Boff pensa no nascimento de um novo ser da igreja através de uma “eclesiogênese” a partir das comunidades eclesiais de base (CEBs). Diferentemente de Peterson, Boff afirma que há, de fato, *vestigia trinitatis* que se encontram neste mundo. A comunhão triúna que é comunhão-em-diversidade criou o ser humano como um ser comunitário, e também toda a natureza como comunitária, colocando-os em liberdade e acolhendo-os na comunhão da Trindade no fim dos tempos, no *eschaton*. Isso torna possível que os seres humanos possam (e, de fato, deveriam) refletir a comunhão triúna entre si, numa comunhão que respeite diferenças e promova relações comunitárias:

Esta compreensão do mistério da SS. Trindade é extremamente sugestiva para a experiência da fé em contexto de opressão e de ânsias de libertação. Os oprimidos lutam por participação em todos os níveis da vida, por uma convivência justa e igualitária no respeito pelas diferenças de cada pessoa e grupo; querem a comunhão com outras culturas e outros valores, com Deus como o supremo sentido da história e do próprio coração. Como estas realidades lhes são historicamente negadas, sentem-se urgidos a entrar num processo de libertação que vise alargar os espaços para a participação e a comunhão. Para os que têm fé, a comunhão trinitária entre os divinos Três, a união entre Eles no amor e na interpenetração vital lhes pode servir de fonte inspiradora e de utopia, geradora de modelos cada vez mais integradores das diferenças. Esta é uma das razões por que este caminho da pericórese trinitária será assumido como eixo estruturador de nossa reflexão. Ele vem ao encontro das buscas dos oprimidos que querem lutar pela libertação integral. A comunidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo significa o protótipo da comunidade humana sonhada pelos que querem melhorar a sociedade e assim construí-la para que seja à imagem e semelhança da Trindade.⁴⁴

Retomando a antiga noção de *perichoresis* (pericórese, interpenetração), Boff descreve como as três pessoas da Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, ao mesmo tempo estão unidos em seu amor recíproco e são diferentes em sua “individualidade”. É claro que isso imediatamente abre o acalorado debate sobre o significado concreto de “pessoa” e a relação entre o “individual” e o “coletivo”, como já indiquei acima⁴⁵. Os próprios termos e

⁴³ BOFF, 1986, p. 36.

⁴⁴ BOFF, 1986, p. 17.

⁴⁵ Cf. também SINNER, 2006a, p. 142-154.

suas conotações divergentes indicam que não podemos deduzir facilmente a forma da sociedade humana descrevendo Deus como sociedade, nem induzir o ser de Deus a partir da sociedade humana. Afirmando que há aqui uma dupla analogia: Não somente as três pessoas da Trindade estão relacionadas com sua unidade divina como (e não igual a) pessoas humanas com sua comunidade, mas a própria noção de diversidade e unidade é análoga. A *perichoresis* divina e a *perichoresis* humana – se é que o termo é adequado para denotar a comunidade humana – não são unívocas, mas analógicas. É necessário enfatizar isso para os dois lados, para preservar Deus como Deus e os seres humanos como seres humanos. Portanto, se Deus não deve ser usado para legitimar um governo monárquico, como afirmam Peterson e seus seguidores, ele tampouco pode conceder caráter divino aos três poderes da democracia representativa, como foi sugerido por alguns autores na década de 1950⁴⁶. Além disso, a mesma analogia tinha sido usada para legitimar uma tripla monarquia no período bizantino, quando os soldados afirmaram: “Cremos na trindade, e coroamos três imperadores”, o que demonstra claramente a arbitrariedade de tais analogias diretas.⁴⁷ Embora essas observações imponham sérias restrições a analogias, elas não as invalidam de todo.

Outro aspecto importante, desenvolvido mais explicitamente em obras posteriores pelo mesmo autor, é a dimensão cósmica da inter-relacionalidade de todo ser. Boff tem desempenhado, com suas reflexões ecológico-cosmológicas, um papel pioneiro em uma época que se caracteriza pela globalização econômica e suas – para muitos – desastrosas consequências sociais e ecológicas. Em conexão com a conferência da ONU de 1992 so-

⁴⁶ A ponte teórica para essa interpretação foi a teoria dos arquétipos de Carl Gustav Jung, que Boff também usa com frequência; veja MARTI, Hans. **Urbild und Verfassung**: Eine Studie zum hintergründigen Gehalt einer Verfassung. Bern; Stuttgart, 1958; IMBODEN, Max. **Die Staatsformen**: Versuch einer psychologischen Deutung staatsrechtlicher Dogmen. Basel, 1959. Kant já tinha aplicado, de forma “moral”, a divisão de poderes no Estado proposta por Montesquieu a Deus, cuja trindade ele descreveu como legislador sagrado, governante bom e juiz justo: **Die Religion in den Grenzen der blossen Vernunft** [1794]. Werkausgabe. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998. v. IV, p. 806s.

⁴⁷ Em 669/70, soldados bizantinos proclamaram os irmãos de Constantino IV co-imperadores, fazendo referência à Trindade, apud GRESHAKE, Gisbert. **Der dreieine Gott**: Eine trinitarische Theologie. Freiburg: Herder, 1997. p. 470, nota 95. Para uma abordagem histórica mais ampla, veja NICHOLLS, David. **Deity and Domination**: Images of God and the State in the Nineteenth and Twentieth Centuries [1989]. London; New York: Routledge, 1994.

bre o meio ambiente, realizada no Rio de Janeiro, Boff enfatizou a urgência das questões ecológicas. Relacionando-as com a cosmologia de Pierre Teilhard de Chardin e as descobertas de uma série de cientistas e a doutrina da Trindade, ele levantou essa questão no Brasil mediante vários livros bastante lidos⁴⁸. Isso em si é muito importante, considerando que, apesar de ameaças ambientais como o desmatamento na Amazônia serem conhecidas há muito tempo, a consciência ecológica ainda é rara entre a população. Ao mesmo tempo, é um traço importante da obra de Leonardo Boff o fato de ele procurar sempre ver a humanidade dentro do todo da criação, a integralidade de seu passado e futuro. O que ele apresenta é a visão de uma comunidade planetária da natureza e da humanidade, dos seres humanos entre si, da humanidade e de Deus; é cidadania (nacional), concidadania e cidadania da Terra⁴⁹.

A SS. Trindade, mistério de comunhão das três divinas Pessoas, sempre se auto-entregou à criação e à vida de cada pessoa e se revelou às comunidades humanas sob a forma de sociabilidade, abertura de uns aos outros, de amor e entrega e também como denúncia e protesto contra a ausência desses valores. Toda a humanidade é templo da Trindade, sem distinção de tempo, de espaço e de religião. Todos são filhos e filhas no Filho, todos são movidos pelo Espírito, todos são atraídos para cima, pelo Pai.⁵⁰

Boff insiste na participação de Deus no mundo e na participação do mundo em Deus. “O mundo tem um destino eterno; ele será o corpo da Trindade em sua dimensão cosmológica, pessoal e sócio-histórica.”⁵¹ A relação entre Deus e o mundo é, portanto, não somente uma relação analógica, no sentido de que o Deus trinitário é um modelo para a sociedade humana e para a igreja, mas também uma relação ontológica. Na medida em que a criação procede, no início, do Pai através do Filho no poder do Espírito Santo, “a partir da força transformante do Espírito através da ação libertadora

⁴⁸ Veja, por exemplo, BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**: a emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática, 1993; **Dignitas terrae**: ecologia: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995. Recentemente foi reeditado o primeiro livro publicado por Boff, **O Evangelho do Cristo cósmico** [1971]. Rio de Janeiro: Record, 2008.

⁴⁹ BOFF, Leonardo. **Depois de 500 anos**: que Brasil queremos? Petrópolis: Vozes, 2000. p. 25-28, 51-53.

⁵⁰ BOFF, Leonardo. **Nova evangelização**: perspectiva dos oprimidos. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 38.

⁵¹ BOFF, Leonardo. **Gott kommt früher als der Missionar**: Neuevangelisierung für eine Kultur des Lebens und der Freiheit [1990]. 2. ed. Düsseldorf: Patmos, 1992. p. 169.

do Filho o universo chega, finalmente, ao Pai”.⁵² Está certamente aqui, como já vem surgindo nos textos dos colegas, um dos pontos de mais debate entre uma teologia luterana e boffiana: Deus e a criação em sua proximidade ou em sua profunda alteridade, sendo a ênfase na última a tendência não apenas de uma teologia luterana, mas protestante em geral, não por último na linha reformada de Karl Barth, e a necessidade vista por essa de enxergar melhor a corrupção da natureza pelo pecado e a salvação unilateral por parte de Deus mediante o Cristo crucificado⁵³.

3 – Trindade, igreja e sociedade civil

A busca de uma configuração concreta da sociedade e da igreja inspirada pelo Deus triúno é uma contribuição legítima e, de fato, importante oferecida por Boff, não apenas para o Brasil, mas para um mundo globalizado. Como se afirmou anteriormente, a questão é como essa “inspiração” trinitária pode ser aplicada à configuração das estruturas na sociedade e na igreja. O próprio Boff não vai além de afirmar, sabiamente, em termos gerais, a necessidade de uma “democracia fundamental”:

Não compete à teologia apontar modelos sociais que mais se aproximem à utopia trinitária. Entretanto, se tomarmos a democracia fundamental, como já os antigos a tomaram (Platão, Aristóteles e outros teóricos), não tanto como uma formação social definida, mas como um princípio inspirador de modelos sociais, então deveríamos dizer que os valores nela implicados constituem os melhores índices de respeito e acolhida da comunhão trinitária. A democracia fundamental visa à maior igualdade possível entre as pessoas mediante processos cada vez mais abrangentes de participação em tudo o

⁵² BOFF, 1986, p. 278. Num, como ele mesmo diz, *teologoumenon* (hipótese teológica) inusitado, Boff faz uma analogia entre a família trinitária e a sagrada família humana numa analogia pessoa por pessoa, que são protagonistas de nosso inserção em Deus-Trindade: “O Pai se personificou em José, o Filho em Jesus e o Espírito Santo em Maria. [...] Toda família humana e cada ser humano foram inseridos nesse processo de personificação porque todos somos, quer o conscientizemos, quer não, irmãos e irmãs de Jesus, Maria e José”; BOFF, Leonardo. **São José**: a personificação do Pai. Com um prefácio de Paulo Coelho. Campinas: Verus, 2005. p. 201; cf. também, em relação a Maria, **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995; cf. SINNER, 2003, p. 154-168.

⁵³ Cf. SINNER, 2003, p. 168-182; WESTPHAL, 2003, p. 295ss e passim; SCHAPER, Valério Guilherme. **A experiência de Deus como transparência do mundo**: o ‘pensar sacramental’ em Leonardo Boff entre história e cosmologia. Tese (Doutorado em Teologia). São Leopoldo: EST, 1998.

que concernir à existência humana pessoa e social. Além da igualdade e participação, intenciona a comunhão com os valores transcendentais, aqueles que definem o sentido supremo da vida e da história. Ora, quanto mais tais ideais se concretizam, mais se espelhará a comunhão divina entre os seres humanos.⁵⁴

Boff certamente tem razão quando diz que não compete à teologia fazer o papel da política ao moldar a democracia. Pode e deve dar, isto sim, sua contribuição, mas sem se impor. Tal contribuição em sua pretensão e, ao mesmo tempo, auto-restrição seria conteúdo de uma teologia pública que está em construção também na América Latina⁵⁵. Partindo da abordagem de Boff, mas tentando ir além dela, combinando a função crítica e construtiva (“inspiradora”) de uma doutrina trinitária pericorética e os desafios da sociedade brasileira, enfatizarei quatro aspectos que creio serem fundamentais para a contribuição das igrejas para a democracia, motivados pela fé: alteridade, participação, confiança e coerência. Como é uma democracia amplamente participativa a que visa ao engajamento pela cidadania, e como as igrejas fazem parte da sociedade civil, o pensamento trinitário em relação à sociedade como um todo pode de fato estimular e inspirar atores da sociedade civil, inclusive além das igrejas. Em consonância com o que se sustentou acima, não estou procurando deduções ou induções simplistas, mas traços de Deus como Trindade que sejam fundamentais para que os seres humanos não somente coexistam, mas também interajam em comunhão, buscando a convivência.⁵⁶

Um primeiro aspecto central é a *alteridade*. A pluralidade implica diversidade, e a comunidade em uma democracia é impensável sem reconhecer a singularidade de cada membro da sociedade. Por isso o respeito da alteridade, o reconhecimento da diferença e o direito de ser diferente são essenciais. Na teologia latino-americana, essa percepção surgiu entre as pessoas que estiveram em estreito contato com povos indígenas, mas recebeu uma atenção mais ampla em tempos recentes. No meu modo de ver, esse respeito pela alteridade também adverte contra o chamado *macroecu-*

⁵⁴ BOFF, 1986, p. 189s.

⁵⁵ Cf. SINNER, 2007, p. 43-67, com ampla bibliografia.

⁵⁶ Cf. também a recente trilogia de virtudes para um outro mundo possível: BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. v. 1: Hospitalidade. v. 2: Convivência, respeito e tolerância. v. 3: Comer e beber juntos e viver em paz. Petrópolis: Vozes, 2005-2006.

*menismo*⁵⁷. Negar o valor da fé do outro é errado, mas igualmente errado é pressupor que “Deus de qualquer maneira é o mesmo”, o que tende a levar à indiferença. Uma hermenêutica sensível para com o outro é necessária para preservar a singularidade de cada pessoa e seu direito à diferença, incluindo a diferença religiosa. Ela preserva o mistério e procura a compreensão, como acontece na teologia que tenta descobrir e, ao mesmo tempo, respeitar o mistério de Deus como tri-úno, unidade na diferença.

Um segundo aspecto é a participação. Este conceito é central para o discurso sobre a sociedade civil. No Brasil, ele está implícito na luta por cidadania. Cidadania é, em primeiro lugar, o “direito de ter direitos” em uma situação de “*apartheid* social”⁵⁸. Em um sentido mais amplo, como a maioria dos autores o usam, esse conceito inclui a real possibilidade de acesso a direitos e a consciência dos deveres da pessoa, a atitude diante do Estado constitucional como tal, bem como a constante configuração e extensão da participação dos cidadãos na vida social e política de seu país. Aspectos da participação efetiva do cidadão estão, pois, se tornando centrais, assim como a cultura política pela qual essa participação é estimulada ou impedida. As igrejas, como parte da sociedade civil, têm um papel importante a desempenhar nesse estímulo da participação dos cidadãos e elas efetivamente o fazem de diferentes maneiras. De fato, as igrejas brasileiras podem contar com um número de membros e uma participação muito maiores do que qualquer outro tipo de organização voluntária. Em termos ideais, elas funcionam como escolas para a democracia, pois formam pessoas dentro de suas próprias estruturas, promovem a colaboração com o Estado, por exemplo, em conselhos que envolvem o Estado e a sociedade civil em questões de infância e juventude ou de segurança alimentar, e contribuem para o discurso de uma forma crítico-constructiva. Em termos de teologia trinitária, o aspecto da participação descreve bem a idéia da interpenetração, *perichoresis*, resguardada a dupla analogia da qual falei na seção anterior.

⁵⁷ O termo “macroecumenismo” foi cunhado na Assembléia do Povo de Deus em Quito, em 1992, e denota um ecumenismo que se estende além do cristianismo, incluindo outras religiões, cf. BARROS, Marcello. Fundamentos teológicos e espirituais para o macro-ecumenismo. *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 188, p. 45-64, 2000. Ainda que reconheça a pertinência da crítica aqui esboçada, Barros defende o uso do termo. Cf. também SINNER, 2007, p. 119-132.

⁵⁸ DAGNINO, Evelina. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: ID. (Ed.). *Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo, 1994. p. 108, 105.

Um terceiro aspecto é a necessidade de *confiança*. Como se mencionou acima, as disfunções e disjunções da democracia brasileira não são somente uma questão de corrupção e clientelismo entre políticos e funcionários do Estado, mas de uma falta de confiança na democracia como sistema, bem como nas pessoas que são portadoras dela, a saber, o conjunto da sociedade. É claro que a experiência histórica não contribuiu muito para dar a impressão de que as coisas poderiam funcionar melhor e de que o Estado e o sistema seriam efetivamente dignos de confiança. A confiança, porém, é algo que tem que ser investido antes de se saber qual será o resultado. Em uma sociedade democrática, torna-se necessário confiar nas pessoas de uma forma bastante abstrata, pois jamais conhecerei a maioria de meus concidadãos. Para que a democracia funcione, tenho que pressupor que as outras pessoas tenham um interesse semelhante no funcionamento da democracia, como demonstrei no capítulo anterior. Se esse interesse comum não puder ser pressuposto e se um número considerável de concidadãos, especialmente aqueles que detêm mais poder do que eu, não se mostra digno de confiança, faz-se necessária uma razão mais profunda para ainda estar disposto a investir confiança. Essa razão pode ser dada pela fé, que essencialmente significa confiança – não em si mesmo, mas em Deus. Os luteranos costumam conceber o ser humano como igualmente justo e pecador. Sabemos que não podemos confiar em nós mesmos e uns nos outros por nossa própria causa e mérito, e sim por causa e mérito de Deus. Deus visto como tri-úno pode dar boas razões para investir confiança na democracia, mesmo onde ela for ameaçada; Deus mesmo preserva a continuidade em meio a situações históricas diferentes, altamente ambíguas onde ele se manifesta, da forma mais central na cruz de Gólgota, e empodera pessoas para viver suas vidas procurando ser justas, embora saibam que são inescapavelmente pecadoras.

Por fim, um quarto elemento necessário é a *coerência*: ter um projeto para o todo da sociedade e não apenas para si ou o grupo de seus pares ou inclusive a sua igreja. Como isso depende de uma percepção específica tanto da sociedade quanto da fé, o que se faz necessário é uma *hermenêutica da coerência*⁵⁹. O mercado religioso altamente competitivo, com uma di-

⁵⁹ Cf. CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. Comissão de Fé e Constituição. **Um tesouro em vasos de argila**: instrumento para uma reflexão ecumênica sobre a hermenêutica. São Paulo: Paulus, 2000.

versidade sempre crescente de igrejas e movimentos religiosos, está dando um testemunho muito triste de tal (in)coerência. Teologicamente falando, insistir na Trindade de Deus poderia ajudar a impedir compreensões restritivas equivocadas, como se Deus fosse somente Espírito Santo e não também Filho, encarnado em Jesus Cristo, e Pai, como criador. Esse equilíbrio de uma unidade e diversidade em Deus tende a fomentar *koinonia*, que é a palavra ecumenicamente central para designar a comunhão entre os diferentes membros do corpo de Cristo⁶⁰. Em termos da sociedade como um todo, essa integração de unidade e diversidade poderia, se bem-sucedida, representar uma importante contribuição das igrejas para uma sociedade pluralista. Isso pressupõe que os cristãos e as igrejas não procurem, como infelizmente acontece com muitos políticos evangélicos no Brasil⁶¹, primordialmente obter vantagens para suas respectivas igrejas, mas vejam sua missão como um testemunho de serviço (*diakonia*) para toda a sociedade.

Dessa maneira, não estaríamos fazendo deduções e induções diretas, mas identificando características de Deus como Trindade, a doutrina da Trindade, particularmente a metáfora da *perichoresis*, que aponta para um Deus amoroso, dinâmico e coerente. Estaríamos evitando um saber em demasia, ao não especular sobre a Trindade imanente, mas ater-se à Trindade econômica e ao caráter metafórico da pericórese.⁶² Por outro lado, estaríamos procurando um saber a mais, uma maior precisão sobre a forma de comunidade que poderíamos construir a partir da inspiração trinitária.

Tal abordagem pode servir como um vigoroso subsídio teológico para que as igrejas contribuam significativamente, como parte da sociedade civil, para a construção de uma sociedade respeitadora, participativa, confiante e coerente. Nas palavras da Carta aos Efésios, que testemunha o Deus triúno e apresenta uma ética interpessoal de forma resumida:

⁶⁰ Cf. TILLARD, Jean-Marie R. *Koinonia*. In: LOSSKY, Nicholas et al. (Eds.). **Dicionário do movimento ecumênico**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 691-695.

⁶¹ Cf. FRESTON, Paul. **Evangélicos na política brasileira: História ambígua e desafio ético**. Curitiba: Encontro, 1994; **Religião e política, sim – Igreja e Estado, não**. Viçosa: Ultimato, 2006.

⁶² Uma crítica de especulação em demasia poderia ser aplicada, mais do que a Boff, a MOLTSMANN, 2000; veja, por exemplo, a crítica de RITSCHL, Dietrich. *Die vier Reiche der 'drei göttlichen Subjekte'*. Bemerkungen zu Jürgen Moltmanns Trinitätslehre [1981]. In: **Konzepte**: Ökumene, Medizin, Ethik. Gesammelte Aufsätze. München: Chr. Kaiser, 1968. p. 72-83.

Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz: Há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação: há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos (Ef 4.1-6).